

Cancelamento do (r) final em nominais: uma abordagem difusionista

Ana Paula da Silva Huback*

Resumo

No presente trabalho, analisa-se o processo de cancelamento do (r) em itens nominais do português brasileiro à luz de duas propostas teóricas distintas – o Modelo Neogramático, postulado por Labov (1972 e 1981), e o Modelo de Difusão Lexical, proposto por Wang (1969 e 1977). Defende-se, neste artigo, que o apagamento do (r) final em nominais se dá gradativamente, atingindo os itens léxicos um a um, e que a frequência de tipo e/ou de ocorrência pode fazer com que uma palavra seja mais ou menos suscetível à mudança sonora.

Palavras-chave: Português brasileiro; Cancelamento do (r) em nominais; Hipótese neogramática x Hipótese difusionista; Frequência de tipo e de ocorrência.

Este artigo apresenta e amplia resultados alcançados na pesquisa que foi objeto de minha dissertação de mestrado, defendida na UFMG, em maio de 2003, sob orientação do Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira.¹ O objeto de análise do trabalho ora desenvolvido é o cancelamento do (r) final em lexemas nominais coletados na fala de informantes da cidade de Belo Horizonte. Por **nominais**, entendam-se, aqui, todos os substantivos, adjetivos, o pronome *qualquer* e os conectivos *a partir de*, *apesar de* e *por*. Basicamente, utilizando como suporte teórico os princípios e pressupostos da corrente de Difusão Lexical, defendida por Wang (1969 e 1977), argumenta-se que, a despeito de análises anteriores, como a de Oliveira (1983), o apagamento do (r), em itens nominais, na nossa língua, está se difundindo lexicalmente, item a item, não havendo, portanto, uma regra fonológica que possa justificar tal fenômeno.

* Universidade Federal de Minas Gerais. Doutoranda em Estudos Lingüísticos.

¹ Agradeço especialmente ao CNPq, pela concessão de bolsa de estudos que tornou viável este projeto, ao professor Marco Antônio de Oliveira, pelas preciosas contribuições e orientações acerca da elaboração desta dissertação, e à professora Thaís Cristófaros-Silva, pelo incentivo e comentários na preparação deste artigo.

As subseções do artigo apresentam, respectivamente:

- A revisão de literatura, em que se analisam os trabalhos já existentes sobre o cancelamento do (r), no português brasileiro (doravante PB) e no português europeu, assim como em outras línguas crioulas de base portuguesa;
- As duas diferentes correntes teóricas sobre mudança sonora: modelo neogramático e difusão lexical;
- A metodologia adotada na elaboração da pesquisa;
- A análise geral e a discussão dos resultados alcançados com o trabalho de campo realizado;
- As conclusões e possíveis desdobramentos da pesquisa.

O CANCELAMENTO DO (R): REVISÃO DA LITERATURA

O apagamento do (r) – interno ou externo –, em nomes ou em verbos, é um fenômeno bastante documentado na literatura lingüística. No latim, o primeiro registro sobre a variação do (r) é encontrado no **Appendix Probi**, uma lista de 227 palavras latinas, que, pronunciadas de um modo equivocado, vêm acompanhadas de suas formas corretas, ou seja, segundo o padrão culto representado pelo latim clássico. Tal documento foi publicado em 1887, e nele encontramos, como 149^a correção, o par *persica* non *pessica*, numa referência ao fato de os falantes estarem pronunciando o grupo consonantal –rs– como –ss–. Essa é a palavra “pêssigo”, no português moderno, e, conforme podemos perceber, a grafia considerada errônea foi a que sobreviveu (Cf. SILVA NETO, 1938, p. 76).

Na evolução do latim para o português, existem vários outros exemplos de palavras que foram sofrendo perda ou transformação do –r– em fim de sílaba, tais como: *persona* > *pessoa*, *versoria* > *vassoura*, *averso* > *avesso*, dentre outras alisadas por especialistas nessa linha de estudos, como Huber (1933, p. 145) e Coutinho (1984, p. 125).

Outros exemplos preciosos são extraídos do escritor Gil Vicente (1465-1536), que, no português do século XVI, ao retratar a fala das pessoas comuns, dos negros, muçulmanos, judeus, agricultores e ciganos, exclui o (r) final, transcrevendo: *cassaa*, por *casar*; *queree*, por *querer*, *trazee*, por *trazer*, *falaa*, por *falar*, etc. Por outro lado, quando o autor retratava a fala dos portugueses, usava a grafia padrão, conservando o (r). Os exemplos de cancelamento do (r) nos textos de Gil Vicente, cumpre esclarecer, referem-se exclusivamente aos infinitivos verbais. Nos nomes, o (r) final é sempre grafado, independentemente do sujeito falante.

O apagamento do (r) ocorre também em outras línguas neolatinas, como o francês e o espanhol. No francês, em geral, o (r) localizado em fim de palavra cai;

Em 1997, Oliveira reanalisa o fenômeno do apagamento do (r) em fim de sílaba, dessa vez, sob a perspectiva da teoria difusionista. A partir dela, ele conclui que, a princípio, todas as mudanças se difundem gradualmente pelo léxico, e que os resultados regulares, conforme previa a teoria neogramática, podem ser encontrados a longo prazo, depois que todas as palavras suscetíveis à mudança já tenham sido gradualmente afetadas. Esse autor nega, também, a atuação do contexto fonético como desencadeador da mudança, afirmando que ele “atua *a posteriori*, fixando relações harmônicas entre os elementos envolvidos numa mudança sonora...” (p. 34).

Neste mesmo trabalho, Oliveira (1997) observa que alguns itens, como *mulher* e *qualquer*, favorecem amplamente o cancelamento do (r), enquanto outros, como *interior* e *vestibular*, inibem o fenômeno. Tais conclusões corroboram os pressupostos da teoria difusionista, que prevê que a mudança lexical afeta os itens individualmente.

Com relação ao PB, existem várias outras análises sobre o cancelamento do (r), mas, para o presente artigo, apenas os dois trabalhos de Oliveira (1983 e 1997) são de maior relevância.

Assim, o estudo aqui apresentado busca ampliar a discussão sobre o cancelamento do (r), contrapondo as teorias neogramática e difusionista, a fim de concluir qual das duas apresenta pressupostos teóricos mais apropriados para analisar os resultados obtidos na pesquisa de campo realizada. Além disso, argumenta-se, também, que a frequência de ocorrência dos itens lexicais é um dos fatores que determinam as primeiras palavras a serem afetadas pela mudança. Nesse sentido, esta pesquisa acrescenta novas informações aos trabalhos anteriores já realizados sobre o cancelamento do (r) em nossa língua.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: MODELO NEOGRAMÁTICO X MODELO DIFUSIONISTA

Uma das questões mais proeminentes da teoria lingüística, no fim do século passado, foi a discussão entre diferentes teorias de mudança sonora. De um lado, o Modelo Neogramático, encabeçado por Labov (1972, 1981), defendia que:

- O *locus* da mudança lingüística é o som, não a palavra;
- As mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas, ou seja, todos os itens que estiverem sujeitos à aplicação de uma determinada regra modificar-se-ão da mesma maneira e ao mesmo tempo;
- As mudanças sonoras são condicionadas por regras fonológicas específicas, que geram tais mudanças;

- As mudanças sonoras são regulares e, se, porventura, alguma palavra escapar à mudança, essa irregularidade pode ser explicada por meio do empréstimo lingüístico ou da analogia.

Por sua vez, o modelo de Difusão Lexical, como proposto e defendido por Wang (1969 e 1977), preconiza que:

- A unidade básica da mudança é a palavra, não o som;
- As mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais, ou seja, os itens lexicais vão aderindo à mudança paulatinamente, havendo momentos de competição entre a forma antiga e a inovadora;
- As mudanças não são condicionadas por regras fonológicas, mas por aspectos lexicais, tais como freqüência de ocorrência e familiaridade da palavra, que fazem com que um item lexical se torne mais ou menos vulnerável à mudança;
- Como as mudanças atingem o léxico gradualmente, irregularidades são até esperadas, visto que os itens lexicais vão, aos poucos, se submetendo à mudança.

Outra teoria que merece destaque no contexto deste trabalho é a Fonologia de Uso, proposta por Bybee (1995 e 2001). Basicamente, essa linha de abordagem defende o *Network Model*, modelo de estocagem das palavras na mente do falante, que tem como princípios básicos as seguintes diretrizes:

- As unidades lingüísticas são representadas no léxico mental da mesma forma que as unidades não-lingüísticas;
- A experiência afeta as representações lingüísticas, ou seja, o léxico mental atribui diferentes representações a palavras mais e menos freqüentes no uso cotidiano, de modo que as mais freqüentes são acessadas com mais facilidade;
- Palavras ou frases inteiras – e não fonemas – são as unidades de categorização e estocagem do léxico mental. Generalizações morfológicas emergem a partir de associações fonéticas e semânticas feitas entre os itens estocados;
- A estocagem lexical inclui informações redundantes – ao contrário, pois, do que propunha a Fonologia Gerativa – sobre as diferentes formas de pronunciar a mesma palavra e até sobre o contexto situacional em que ela foi utilizada;
- A freqüência é um dos artifícios de que o léxico mental lança mão para categorizar itens léxicos. *Token frequency* é a quantidade de vezes que uma unidade – geralmente uma palavra – ocorre em um determinado *corpus*; *type frequency* é a freqüência de um determinado padrão no dicionário da língua. Em termos de produtividade, a *type frequency* é determinante, porque, se um certo padrão é altamente freqüente na língua, acaba por ser aplicado a novos itens, gerando maior produtividade para aquele esquema.

O presente artigo, já se disse, pretende analisar o fenômeno de cancelamento do (r), adotando, basicamente, o Modelo de Difusão Lexical, tentando demonstrar que o Modelo Neogramático não consegue justificar os resultados que os dados apresentam. Oportunamente, serão testados, também, alguns dos princípios e pressupostos da Fonologia de Uso, adotada por Bybee (1995 e 2001).

METODOLOGIA ADOTADA

Utilizou-se, nesta pesquisa, a metodologia sociolinguística, conforme proposta e aplicada por Labov (1974). Foram selecionados fatores linguísticos e extralinguísticos, a fim de verificar possíveis correlatos sociais e estruturais com relação aos resultados observados. Os fatores estruturais e não-estruturais adotados para esta pesquisa são listados abaixo.

Fatores estruturais

Fatores estruturais são aspectos estritamente linguísticos, que não têm, a princípio, correlação com questões sociais. Nesta pesquisa, levamos em consideração os seguintes fatores estruturais:

- a) Classe de palavra: em primeiro lugar, procurou-se determinar se a palavra sujeita a cancelamento do (r) era substantivo (“computador”, “flor”), adjetivo (“anterior”, “melhor”), advérbio (“melhor”, “pior”), conectivo (“apesar de” e “por”) ou o pronome “qualquer”;
- b) Número de sílabas: a partir desse fator, as palavras foram classificadas apenas como monossilábicas (“dor”, “mar”) ou polissilábicas (“senhor”, “trabalhador”), uma vez que pesquisas anteriores haviam demonstrado que dissílabas ou trissílabas não interferiam significativamente no fenômeno. Na verdade, o grande diferencial estava entre monossilábicas e polissilábicas, independentemente do tamanho dessas últimas;
- c) Acento: as palavras foram codificadas, também, como apresentando o (r) em sílaba tônica (“amor”, “mulher”) ou em sílaba átona (“câncer”, “flúor”);
- d) Estrutura morfológica: quanto a este fator, foram escolhidas várias possibilidades, pois suspeitou-se que diferentes tipos de morfemas pudessem interferir diferentemente no cancelamento do (r). Os elementos morfológicos considerados foram: não-sufixo (“flor”, “mulher”), sufixo agentivo –*dor* (“nadador”, “trabalhador”); sufixos não-agentivos –*dor* e –*tor* (“computador”, “elevador”); outros sufixos (“cantor”, “popular”), bem como os conectivos (“a partir”, “apesar”, “por” e “qualquer”);

- e) Segmento seguinte: analisou-se, também, o segmento que aparecia na palavra seguinte ao (r), a fim de verificar se havia algum condicionamento fonético que favorecesse o fenômeno. As opções eram consoante (“melhor pai”), vogal (“melhor amigo”) e pausa (“é o melhor //”);
- f) Vogal precedente: o segmento que antecedia o (r) também foi analisado, pelos mesmos motivos supracitados. As possibilidades eram: *-ar* (“jantar”), *-er* (“colher”), *-ir* (“mártir”), *-or* (“sabor”) e *-ur* (“fêmur”).

Fatores não-estruturais

Fatores não-estruturais são aqueles que estão relacionados aos aspectos sociais da comunidade analisada e que podem interferir nos fenômenos lingüísticos. Os fatores não-estruturais selecionados para esta análise foram:

- a) Gênero: masculino e feminino;
- b) Idade: 15-30 anos; 31-45 anos; 46-60 anos;
- c) Classe social: baixa e média;
- d) Nível de escolaridade: fundamental, médio e superior;
- e) Estilo: entrevista, leitura de texto, leitura de lista de palavras.²

Após a escolha dos fatores internos e externos supracitados, foi feita uma seleção dos informantes belo-horizontinos que se adequassem ao perfil descrito pela pesquisa. Ao todo, 30 informantes foram selecionados. As entrevistas foram feitas pela própria pesquisadora, em maio de 2002. A fim de evitar qualquer possível interferência nos resultados, nenhum informante estava ciente do real objetivo da pesquisa. O tema central da entrevista girava em torno de questões culturais e históricas relativas à cidade de Belo Horizonte. Cada entrevista durou, em média, 30 minutos, mas, como em qualquer outra pesquisa sociolingüística, características pessoais dos informantes interferiram diretamente no tempo da entrevista, de modo que os mais tímidos falaram somente o necessário, ao passo que outros mostraram-se altamente desinibidos e, por conta disso, forneceram uma quantidade maior de dados. Ao final da entrevista espontânea, cada falante era convidado a ler um texto e uma lista de palavras. Cada uma dessas modalidades de leitura continha, de forma discreta, vários nomes terminados em (r), objeto de nossa pesquisa. A justificativa para a leitura do texto e da lista de palavras foi o fato de que, como a pesquisa analisava a cultura e a história de Belo Horizonte, um dos objetivos era descobrir se a fala do belorizontino ainda mostrava

² O fator estilo englobava: uma entrevista sobre aspectos culturais e históricos de Belo Horizonte; a leitura de um texto em que palavras com (r) final eram apresentadas; a leitura de uma lista de palavras que incluía alguns nomes terminados em (r). As referidas leituras encontram-se no Anexo deste artigo.

resquícios da fala das cidades do interior do Estado de Minas Gerais, de onde muitas famílias de Belo Horizonte são oriundas.

Ao fim das 30 entrevistas, os dados foram transcritos e codificados de acordo com os fatores descritos anteriormente. Infelizmente, por conta de ruídos externos, muitos dados não eram completamente claros, ou seja, não permitiam que se afirmasse, com precisão, se o (r) final era pronunciado ou não. Por conta disso, para evitar qualquer mascaramento dos resultados, optamos por excluir de nossa análise todos os dados que trouxessem qualquer tipo de dúvida, e codificamos somente aqueles sobre os quais não havia equívoco algum quanto à pronúncia, ou não, do (r). Após a exclusão desses dados, obtivemos um total de 2.606 itens nominais terminados em (r), incluindo os três estilos enfocados: espontâneo, leitura do texto e leitura da lista de palavras. Tais dados foram submetidos ao *Goldvarb* (2001), um programa de análise estatística e probabilística que fornece os valores para uma variável dependente – no caso, o cancelamento do (r) –, de acordo com inúmeras variáveis independentes, isto é, com os vários fatores selecionados como relevantes para esta análise. Na subseção seguinte, apresentamos os resultados alcançados pelo referido programa e as possíveis justificativas para tais efeitos.

ANÁLISE DOS DADOS

A Tabela 1 apresenta os resultados gerais relativos ao cancelamento do (r), considerando os 2.606 dados elicitados nas entrevistas:

Tabela 1. Estatística geral do cancelamento do (r) final em nominais (dados completos).

Dados obtidos	%	Probabilidade
320/2.606	12	0,123

Conforme se pode perceber acima, a probabilidade de cancelamento do (r) encontrada em nossa pesquisa é inferior à probabilidade de apagamento que Oliveira (1983) encontrou em seus dados. A fim de refinar a análise de nossos dados, algumas medidas metodológicas foram tomadas. Considerou-se que uma análise mais precisa do fenômeno só poderia ser efetivada se levássemos em conta somente os dados de fala espontânea (entrevista propriamente dita), uma vez que as palavras apresentadas no texto e na lista de palavras não refletiam o léxico mental do falante e foram inseridas na análise apenas com o objetivo de verificar se o fator estilo interferiria no fenômeno. Outro motivo que nos levou a consi-

derar apenas os dados de fala espontânea foi o fato de que alguns informantes de classe baixa e pouca escolaridade, embora tivessem freqüentado a escola e dominassem os rudimentos de leitura e escrita, sentiam-se intimidados pela pesquisa e acabavam não lendo o texto e a lista de palavras conforme lhes fora solicitado – o que provocou uma lacuna nos dados de classe baixa e escolaridade fundamental. Sendo assim, por conta desses dois problemas, de agora em diante, consideraremos apenas os dados de fala espontânea para a análise dos fatores selecionados como relevantes para o fenômeno aqui estudado.

Retirando, pois, os dados de fala não-espontânea (leitura do texto e da lista de palavras), restam-nos 1.193 dados extraídos exclusivamente de fala espontânea. Considerando-se apenas esses dados, a estatística geral de cancelamento do (r) em nominais é mostrada na Tabela 2.

Tabela 2. Estatística do cancelamento geral do (r) final em nominais (fala espontânea).

Dados obtidos	%	Probabilidade
267/1.193	22	0,224

Conforme já era de se esperar, o cancelamento do (r) é maior, quando são considerados apenas os dados de fala espontânea, porque os estilos mais formais, como a leitura de texto e da lista de palavras, fazem com que o falante fique mais atento à pronúncia das palavras, o que diminui a probabilidade de cancelamento do (r).

Na análise dos dados de fala espontânea, o programa *Goldvarb* (2001) considerou como irrelevantes os seguintes fatores:

- a) Acento: 0,503 para os tônicos e 0,406 para os átonos;
- b) Classe de palavra: 0,488 para os substantivos, 0,537 para os adjetivos, 0,524 para os conectivos e 0,259 para os advérbios;
- c) Faixa etária: 0,681 para os jovens, 0,571 para os medianos e 0,269 para os velhos;
- d) Classe social: 0,625 para a classe baixa e 0,407 para a classe média;
- e) Gênero: 0,452 para as mulheres e 0,548 para os homens;
- f) Escolaridade: 0,579 para o ensino fundamental, 0,427 para o ensino médio e 0,501 para o nível superior.

Justamente por terem sido considerados insignificantes para a análise total dos dados, tais fatores foram descartados e apenas os valores relevantes, segundo as estatísticas apresentadas pelo programa *Goldvarb* (2001), foram considerados aqui.

Excluindo-se os critérios que o programa *Goldvarb* (2001) considerou irrelevantes para o cancelamento do (r), os fatores selecionados como determinantes

para o fenômeno foram: ambiente seguinte, vogal precedente, número de sílabas, estrutura morfológica e tipo de informante. Os resultados para cada um desses fatores serão apresentados separadamente nos parágrafos subseqüentes.

Com relação ao fator **ambiente seguinte**, as estatísticas são apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3. Efeito do ambiente seguinte no cancelamento do (r) final em nominais.

Ambiente seguinte	Dados obtidos	%	Probabilidade
Consoante	126/441	28	0,566
Vogal	36/290	12	0,540
Pausa	105/462	22	0,413

Na Tabela 3, observa-se que o (r) tem taxas mais altas de cancelamento quando está diante de consoante. No PB, um condicionamento fonológico comum em fronteira de palavra é a transformação do /r/ velar ou glotal ([X] ou [h]) em tepe [r], produzindo seqüências como ‘ma[r]azul’ ou ‘amo-[r]eterno’. Nesse sentido, uma manutenção do (r) diante de vogal seria esperada, em função dessa regra de ressilabificação. No entanto, conforme os dados acima demonstram, o cancelamento do (r) em nominais não está associado a esse condicionamento fonológico. Esse fato mostra que, ao contrário do que prevê o Modelo Neogramático, essa variação sonora não parece ser motivada por fatores fonéticos.

Quanto ao fator **vogal precedente**, os resultados foram os da Tabela 4.

Tabela 4. Efeito da vogal precedente no cancelamento do (r) final em nominais.

Vogal precedente	Dados obtidos	%	Probabilidade
/a/	78/280	27	0,642
/e/	60/177	33	0,677
/i/	11/12	91	0,986
/o/	113/493	22	0,489
/u/	05/231	02	0,198

Analisando-se a Tabela 4, observa-se claramente um grande favorecimento da vogal /i/ como segmento precedente no cancelamento do (r). No entanto, uma análise mais minuciosa dos dados demonstrou que o único item lexical que apresentava a vogal /i/ precedendo o (r) a ser cancelado era a expressão “a partir”. Como se percebe através da Tabela, desses 12 *tokens* de “a partir”, 11 sofreram cancelamento. Esse fato é um forte indicativo de que o modelo difusionista tem

razão quando afirma que as mudanças lingüísticas se espalham gradualmente pelo léxico, afetando as palavras individualmente. Dessa forma, pode-se afirmar que não existe, neste caso específico, nenhuma vogal precedente que favoreça o fenômeno. O que existe é um item lexical – “a partir” – como líder na difusão da mudança.

O próximo fator a ser analisado é **número de sílabas**, cujos resultados podem ser observados na Tabela 5.

Tabela 5. Efeito do número de sílabas no cancelamento do (r) final em nominais.

Número de sílabas	Dados obtidos	%	Probabilidade
Monossilábicos	09/328	02	0,113
Polissilábicos	258/865	29	0,686

A análise do fator número de sílabas não demonstra grandes surpresas. Itens monossilábicos, como “cor”, “mar”, “por”, já têm um número reduzido de segmentos sonoros; por conta disso, o falante acaba por evitar a redução nesse tipo de palavra. Por outro lado, itens com maior número de segmentos são mais suscetíveis ao cancelamento porque a saliência fônica entre a forma plena e a forma com apagamento é pequena.

O próximo fator a ser analisado é **estrutura morfológica**. Os resultados são apresentados na Tabela 6.

Tabela 6. Efeito da estrutura morfológica no cancelamento do (r) final em nominais.

Estrutura morfológica	Dados obtidos	%	Probabilidade
sufixo <i>-dor</i> agentivo	23/36	63	0,853
sufixos <i>-dor</i> não-agentivo e <i>-tor</i>	23/51	45	0,688
outros sufixos	39/164	23	0,429
não-sufixo	129/603	21	0,367
<i>qualquer, por, apesar, a partir</i>	53/339	15	0,691

Conforme se observa na Tabela 6, o sufixo *-dor* agentivo é o que mais favorece o cancelamento do (r). Uma possível explicação para esse favorecimento é o fato de que, tal como postula o *Network Model*, proposto por Bybee (1995 e 2001), os itens léxicos armazenados na mente do falante são categorizados a partir de similaridades fonológicas e semânticas. Sendo assim, pode-se supor que as palavras com sufixo *-dor* sejam agrupadas em um sistema de redes, e o cancelamento do (r) esteja se espalhando gradualmente por esses itens. As palavras que apre-

sentam tais sufixos, mesmo não sendo as mais freqüentes na língua, podem estar favorecendo a mudança, já que, segundo a autora, é a *type frequency*, e não a *token frequency*, que determina a produtividade de um determinado padrão na língua.

A fim de procedermos a uma análise mais acurada da interferência da estrutura morfológica no cancelamento do (r), decidimos, pelo momento, excluir o conectivo “por”. Tal decisão foi tomada porque esse conectivo é altamente freqüente no *corpus*, mas o fato de ser monossílabo, de certa forma, bloqueia o cancelamento do (r). Por causa disso, excluímos tal conectivo, apenas temporariamente, a fim de verificar se os demais conectivos apresentariam uma taxa mais alta de cancelamento do (r). Os resultados estão expostos na Tabela 7.

Tabela 7. Efeito da estrutura morfológica no cancelamento do (r) final em nominais (com exclusão do conectivo “por”).

Estrutura morfológica	Dados obtidos	%	Probabilidade
sufixo <i>-dor</i> agentivo	23/36	63	0,872
sufixos <i>-dor</i> e <i>-tor</i> não agentivos	23/51	45	0,714
outros sufixos	39/164	23	0,495
não-sufixo	129/603	21	0,412
<i>qualquer, apesar, a partir</i>	49/79	63	0,786

Excluindo-se o conectivo “por”, aumenta consideravelmente a probabilidade de cancelamento do (r) na classe dos conectivos. Talvez esse fato possa ser justificado porque os conectivos, em geral, aparecem em locuções, como “a partir de agora”, “apesar disso” e “qualquer um”. De acordo com Bybee (2001), seqüências de palavras que são usadas freqüentemente são estocadas como um só item, o que gera automatização da fala, sobreposição de gestos articulatórios e, conseqüentemente, redução dos segmentos. Dessa forma, pode-se supor que a perda do (r) nos conectivos seja uma evidência da armazenagem de expressões no léxico mental, já que tais itens parecem se comportar como palavras inteiras.

O último fator que o programa *Goldvarb* (2001) selecionou como relevante para o cancelamento do (r) foi **indivíduo**. O Gráfico 1 mostra os resultados.

Conforme se nota no Gráfico 1, os indivíduos apresentam comportamentos bastante díspares no que concerne ao cancelamento do (r). Os líderes em cancelamento do (r) e a sua respectiva caracterização são os seguintes:

- W: homem, classe baixa, escolaridade fundamental, jovem;
- H: homem, classe baixa, escolaridade fundamental, mediano;
- Y: mulher, classe baixa, escolaridade fundamental, jovem;
- Q: homem, classe baixa, escolaridade média, jovem.

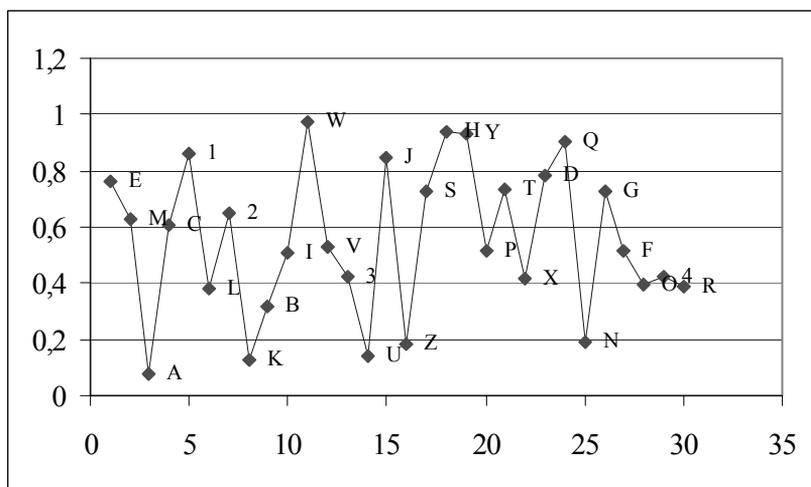


Gráfico I. Efeito do indivíduo no processo de cancelamento do (r) final em nominais. (As letras e números do gráfico correspondem aos informantes da pesquisa).

Através da análise do perfil dos líderes em cancelamento do (r), podemos perceber que, de um modo geral, os indivíduos de classe baixa, escolaridade fundamental e jovens estão à frente no fenômeno. No entanto, é importante salientar que, dentro do mesmo grupo de falantes, encontramos comportamentos discrepantes. A título de exemplo, podemos citar os informantes 1 e B. Ambos pertencem ao mesmo grupo social (classe média, primeira faixa etária, gênero masculino e nível superior de escolaridade); no entanto, o informante 1 apresenta probabilidade de 0,859 de cancelamento do (r), enquanto o informante B tem probabilidade de 0,317. O comportamento do informante 1 assemelha-se mais ao do informante Q, que também é homem, da primeira faixa etária, mas é de classe baixa e tem nível médio de escolaridade. O que podemos concluir com isso é que, embora exista um certo padrão recorrente dentro de um mesmo grupo social, indivíduos diferentes apresentam comportamentos lingüísticos diferentes.

Labov (2001) observou exatamente o mesmo comportamento divergente dos indivíduos em suas pesquisas lingüísticas. Segundo ele, os líderes das mudanças sonoras são, em geral, indivíduos que se recusam a aceitar as convenções sociais com as quais não concordam e que costumam expor sua opinião sobre as situações que lhes desagradam. No modo de ver de Labov (2001), essas atitudes de não conformismo se refletem na personalidade do indivíduo, inclusive lingüisticamente.

Finalizando a nossa análise de dados, devemos salientar que Bybee (1995 e 2001) aponta a freqüência como uma das bases do armazenamento das palavras no léxico mental do falante. Partindo do princípio de que a repetição de uma palavra ou

expressão gera automatização dos gestos e, conseqüentemente, redução dos segmentos (Cf. BROWMAN & GOLDSTEIN, 1992, bem como PAGLIUCA & MOWREY, 1987), resolvemos avaliar se a freqüência do item léxico apresentava algum efeito no cancelamento do (r), no sentido de as palavras mais freqüentes em um *corpus* da língua serem mais propensas à perda de segmentos. Para proceder a essa análise, selecionamos as palavras que, em nosso *corpus*, mais cancelavam o (r). Essa investigação se estendeu ao *corpus* NILC/São Carlos,³ no qual procuramos observar a freqüência dessas mesmas palavras. A Tabela 8 apresenta os itens lexicais que mais sofreram cancelamento do (r) em nosso *corpus* e sua freqüência de ocorrência no *corpus* NILC/São Carlos.

Tabela 8. Comparação entre os itens lexicais mais favoráveis ao cancelamento do (r) e a sua taxa de freqüência no *corpus* NILC/São Carlos.

Itens	Dados obtidos	%	Freqüência NILC/S. Carlos
1. a partir	11/12	91	10.995
2. qualquer	28/40	70	13.725
3. particular	13/27	48	2.408
4. computador	16/35	45	2.926
5. apesar	10/24	41	3.745
6. lugar	34/89	37	10.200
7. mulher	23/74	31	7.975
8. melhor	23/93	25	14.530

Através da Tabela 8, pode-se perceber que, embora não haja uma correlação categórica entre freqüência do item léxico e apagamento do (r), todas as palavras líderes em cancelamento são altamente freqüentes no *corpus* analisado. É interessante notar também que, nesta Tabela de itens mais propensos ao cancelamento, três dos oito itens citados são conectivos (“a partir”, “apesar”, “qualquer”). Devido ao fato de serem palavras (ou expressões) funcionais, eles não têm referência fixa, podendo ser utilizados em qualquer discurso, independentemente do tópico. Essa peculiaridade aumenta muito a freqüência de tais itens, causando automatização dos gestos articulatórios, o que pode justificar a alta taxa de cancelamento do (r).

Outro fato a ser mencionado é que os itens “a partir”, “apesar” e “qualquer” aparecem freqüentemente em *chunks*, construções pré-fabricadas, como “a partir de”, “apesar de” e “qualquer um”. Seria interessante estabelecer uma correlação

³ O *corpus* NILC/São Carlos (disponível em www.linguateca.pt/ACDC/) é composto de 41.372.943 palavras, tendo como fontes textos de jornais, cartas e composições de alunos.

entre o cancelamento do (r) em tais *chunks* e sua frequência em um *corpus* de língua portuguesa. No entanto, tal investigação nos levaria além dos objetivos definidos para este artigo.

Outra discussão interessante no que se refere à frequência é o fato de os itens léxicos que apresentam os sufixos *-dor* (agentivo ou não-agentivo) e *-tor* serem os mais propensos ao cancelamento (Cf. Tabela 8). Tais resultados são evidências de que a *type frequency* (frequência de um certo padrão na língua) é um grande determinante de produtividade. Se um determinado *type* é muito freqüente, estará mais disponível no léxico mental do falante e, conseqüentemente, será utilizado sempre que houver necessidade de flexionar uma nova palavra. Por conta disso, os itens de alta *type frequency* são mais propensos à perda de segmentos, pois a repetição do sufixo leva à automatização dos gestos articulatórios e, conseqüentemente, à sua redução, tal como acontece com qualquer outro movimento neuromotor.

DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

Os dados coletados em 2002 demonstram, basicamente, que não há condicionamento fonético que favoreça ou justifique o cancelamento do (r). Outra constatação importante é o fato de que não existe uniformidade lexical na mudança lingüística, ou seja, o cancelamento está afetando o léxico aos poucos, sendo que algumas palavras estão em estágio mais avançado da mudança e outras em estágio mais conservador. Tais resultados condizem com a teoria difusionista, na medida em que essa postula a gradualidade lexical da mudança sonora e nega a necessidade de um condicionamento fonético que provoque a mudança. Conforme se pode perceber, a teoria neogramática não poderia justificar os resultados alcançados, porque, segundo essa corrente teórica, a mudança afeta todos os itens lexicais ao mesmo tempo, e existe um ambiente fonético que dispara a mudança. Nenhum desses dois pressupostos foi confirmado na presente pesquisa.

Ademais, os resultados são compatíveis com a análise de Oliveira (1997) sobre o cancelamento do (r), visto que o autor também encontrou gradualidade lexical e ausência de condicionamento fonético. Outras duas questões a mencionar aqui são o fato de que itens freqüentes, como “a partir” e “qualquer”, estejam liderando a mudança e o fato de que as palavras que apresentam o sufixo *-dor* favoreçam o cancelamento do (r). Tais fatos confirmam a teoria proposta por Bybee (1995 e 2001), na medida em que essa afirma que itens freqüentes são mais suscetíveis a mudanças sonoras, visto que: (i) a repetição gera automatização dos gestos articulatórios e, conseqüentemente, redução de segmentos e (ii) a estoca-

gem das palavras no léxico mental se dá por conexões semânticas, morfológicas e fonológicas, o que justificaria o fato de um sufixo favorecer o cancelamento do (r).

Finalmente, queremos salienta que há indícios de que a estocagem lexical se dá com base em palavras inteiras ou expressões utilizadas freqüentemente. Por isso, itens como “a partir”, “apesar” e “qualquer”, todos integrantes de expressões, apresentam altas taxas de cancelamento.

CONCLUSÕES E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA

Conforme já foi afirmado na última subseção, os dados comprovam a prevalência da teoria difusionista sobre a neogramática, na medida em que aquela consegue justificar fatos como a gradualidade lexical da mudança sonora e a ausência de ambiente fonético como condicionador da mudança.

Um possível desdobramento deste trabalho seria utilizar um programa de análise acústica para observar a gradualidade do apagamento do (r) e perceber se: a) conforme o (r) vai sendo apagado, ocorre um conseqüente alongamento da vogal precedente e b) o próprio apagamento do (r) também é gradual, apresentando um *continuum* entre sua realização, enfraquecimento e perda.

Por fim, esperamos que este breve artigo tenha contribuído para elucidar algumas controvérsias entre as diferentes teorias de mudança sonora, comprovando, através de dados do português brasileiro falado em Belo Horizonte, que a Difusão Lexical parece ser mais adequada do que a teoria neogramática para analisar o fenômeno em questão.

Abstract

This paper analyzes the final (r) deletion in Brazilian Portuguese nouns. Two different language change approaches are discussed: Neogrammarian Model (LABOV, 1972, 1981) and Lexical Diffusion (WANG, 1969, 1977). It is argued that the final (r) deletion is spreading gradually, dragging the lexical items one by one. It is also argued that token and type frequencies are important in determining whether a word is affected by sound change or not (BYBEE, 1995, 2001).

Key words: Brazilian Portuguese; Final (r) deletion in nouns; Neogrammarian Model x Lexical Diffusion Model; Importance of tokens and type frequencies.

Referências

- BROWMAN, Catherine P.; GOLDSTEIN, Louis M. Articulatory phonology: an overview. *Phonetica*, n. 49, p. 155-80, 1992.
- BYBEE, Joan. **Morphology**: a study of the relation between meaning and form. Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- BYBEE, Joan. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984. (Linguística e Filologia)
- HUBACK, Ana Paula da Silva. **Cancelamento do (r) final em nominais na cidade de Belo Horizonte**: uma abordagem difusionista. 2003. (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. The design of sociolinguistic research project. In: **SOCIOLINGUISTICS WORKSHOP**, 1972, Mysore, India. **Report...** Mysore: Central Institute of Indian Languages, 1974.
- LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, Washington, v. 57, n. 2, p. 267-308, 1981.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001. v. 2.
- MENDONÇA, Renato. **O português do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Phonological variation and change in Brazilian Portuguese**: the case of the liquids. 1983. 270f. (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 1997.
- PAGLIUCA, William; MOWREY, Richard. Articulatory evolution. In: RAMAT, A. G.; CARRUBA, O.; BERNINI, G. (Eds.). **Papers from 7th international conference on historical linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 459-472.
- SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do latim vulgar**: Appendix Probi. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1938.
- VASCONCELOS, José Leite de. **Opúsculos**: dialetologia. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- WANG, William S-Y. Competing changes as a cause of residue. **Language**, Washington, v. 45, p. 9-25, 1969.
- WANG, William S-Y. (Ed.). **The lexicon in phonological change**. The Hague: Mouton, 1977.

Anexos

Textos propostos aos informantes como objeto de leitura

Texto n. 1 – O terror ataca pelo ar

“No dia 11 de setembro do ano passado, Nova York sofreu o maior e pior ataque terrorista de sua História. Foi um acontecimento sem par. Foram momentos intermináveis de agonia e horror. A dor e o medo tomaram conta das pessoas que estavam no interior ou no exterior das torres gêmeas do World Trade Center, maior símbolo americano de hegemonia e poder.

Antes do atentado, em todas as partes do mundo as pessoas seguiam normalmente sua rotina diária. O governador despachava em seu gabinete. O doutor atendia a um paciente com o fêmur quebrado. O trabalhador braçal cumpria com prazer suas obrigações. O líder popular incitava a multidão como se fosse um mártir. A mulher cozinhava em seu lar. O senhor cuidava de uma flor em seu jardim. O professor ministrava suas aulas. O telespectador, a quilômetros dali, assistia a um programa vulgar. O marinheiro há dias vagava pelo mar em movimento circular.”

Texto n. 2 – Lista de palavras

ponto	bar	árvore
chaveiro	computador	melhor
lugar	céu	câncer
mesa	flor	água
correio	mar	geladeira
mulher	calçada	líder
anterior	vestibular	unha
luz	super	mártir
dicionário	ônibus	sonhador
telefone	roupas	sala
dor	fidelidade	fio
circular	maior	óculos
fêmur	diretor	botão
abajur	pior	remédio
costela	gráfico	cozinha
popular	som	menor
avenida	posterior	carro